



ESPORTE NO CONTEXTO ESCOLAR: PERCEPÇÃO DE APOIO E A EXPERIÊNCIA ESPORTIVA POSITIVA DE JOVENS ATLETAS

Sport in the school context: perception of support and the positive sporting experience of young

Autores

Leilane Alves de Lima ^{1,4}
Riller Silva Reverdito ²
Stefany Caroliny de Souza ²
Sofia Cristina Carreiras Fonseca ³
Paulo Cesar Montagner⁴

¹ Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso

² Universidade do Estado de Mato Grosso (Brasil)

³ Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (Portugal)

⁴ Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Autor de correspondência:
Leilane Alves de Lima
leilane.alima@gmail.com

Cómo citar en APA

Lima, L., Reverdito, R. S., Souza, S. C., Fonseca, S. C. C., & Montagner, P. C. (2025). Esporte no contexto escolar: percepção de apoio e a experiência esportiva positiva de jovens atletas. *Retos*, 67, 522–534. <https://doi.org/10.47197/retos.v67.110763>

Resumo

Introdução: A influência dos ambientes no desenvolvimento dos jovens é amplamente reconhecida na literatura. Contudo, o impacto do ambiente escolar na experiência esportiva tem sido pouco explorado.

Objetivo: Verificar a influência dos ativos de desenvolvimento na percepção de experiência no esporte em jovens atletas da modalidade de handebol, bem como descrever as características dos ambientes de formação destes atletas.

Metodologia: Estudo quantitativo do tipo descritivo realizado de forma transversal. Foram considerados 156 jovens atletas de handebol participantes da fase estadual dos Jogos Escolares da Juventude, no estado de Mato Grosso-BR. Foi utilizado um questionário semiestruturado desenvolvido para esta pesquisa, com dados sociodemográficos relacionados ao contexto de desenvolvimento (características, recursos e suporte), o Questionário da Experiência de Jovens no Esporte (YES-S) e o Questionário Psicométrico dos Ativos de Desenvolvimento (DAP).

Resultados: O ativo Escola foi o único fator capaz de explicar a experiência esportiva em todas as suas dimensões, demonstrando que perceber a Escola como um ambiente que apoia seu desenvolvimento é um fator preditor da experiência positiva no esporte. A infraestrutura dos contextos foi considerada como limitada, e a família foi a principal provedora de recursos emocionais e financeiros.

Discussão: Diferente de outros estudos, a escola, para além de ser um espaço responsável pelo acesso ao conteúdo esportivo, foi percebida, pelos jovens, como um ambiente que apoia o desenvolvimento de experiências positivas no esporte.

Conclusão: Os padrões de interação entre o jovem e a escola influenciam o envolvimento com a prática esportiva, principalmente em relação à percepção de experiência positiva.

Palavras-chave

Ativos do desenvolvimento; Desenvolvimento positivo; Escola; Yes-s; .

Abstract

Introduction: The influence of environments on youth development is recognized in literature. However, the impact of the school environment on sports experience has been little explored. **Objective:** The aim of this study was to verify the influence of developmental assets on the perception of experience in sport in young handball athletes, as well as to describe the characteristics of the training environments of these athletes.

Methodology: This is a quantitative, descriptive cross-sectional study. 156 young handball athletes participating in the state phase of the Youth School Games in the state of Mato Grosso were considered. For data collection the following questionnaires were utilized: semi-structured questionnaire developed for this research, the Youth Experience in Sport Questionnaire (YES-S) and the Developmental Assets Psychometric Questionnaire (DA).

Results: The school asset was the only factor capable of explaining the sport experience across all its dimensions, demonstrating that perceiving the school as an environment that supports development is a predictor of a positive experience in sport. The contexts have limited infrastructure for sport, and the family was the main provider of emotional and financial resources. **Discussion:** Unlike previous studies, the school, in addition to being a space responsible for access to sports content, was perceived by the young people as an environment that supports the development of positive experiences in sport.

Conclusions: The patterns of interaction between the youth and the school influence engagement in sports, particularly in relation to the perception of a positive experience.

Keywords

Development assets; Positive development; School; Yes-s.

Introdução

O desenvolvimento de jovens no esporte corresponde a um processo complexo, caracterizado pelas múltiplas influências que podem, direta ou indiretamente, afetar no tipo, quantidade, qualidade e continuidade desta experiência (Oliveira et al., 2024). Sendo os ambientes de desenvolvimento fontes de estímulos capazes de provocar efeitos positivos ou negativos para formação de jovens atletas, do nível micro ao macro (Côté, Turnnidge & Vierimaa, 2016; Folle et al., 2017). Nessa direção, uma forma de dimensionar as influências desses ambientes é considerar a percepção dos jovens em relação à natureza de suas experiências (Hansen; Larson, 2005; Reverdito, Carvalho et al., 2017).

Compreendida como um elemento subjetivo ligado aos sentimentos atribuídos às diferentes vivências (Bronfenbrenner, 2011), entre elas a prática esportiva, a experiência expressa a forma como os jovens internalizam as situações de desenvolvimento a que se expõem, podendo se reverter em emoções tanto positivas quanto negativas, capazes de influenciar no bem-estar e, conseqüentemente, nas suas escolhas ao longo da vida. Ao estar diretamente ligada à atividade, o resultado dessa experiência também expressa a forma como o jovem percebe o seu contexto, sendo a continuidade na prática uma resposta afetiva, ligada ao desejo de jogar e ao apoio contextual ofertado. Nesse sentido, a experiência não se apresenta apenas como consequência da interação e sim como motor fundamental para o desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011).

Devido ao seu caráter democrático, a escola tem sido amplamente apontada como um espaço responsável pelo acesso ao conteúdo esportivo (Montagner, 2018), reunindo jovens com vivências diversas, e se firmando como espaço de encontro com potencial para a implementação de políticas que visem o desenvolvimento humano, principalmente quando relacionamos a população em situação de vulnerabilidade, o engajamento de meninas e mulheres, e a inclusão de modalidades e regiões que não possuem tradição clubística (Morales Júnior et al., 2017; Lima et al., 2022; Costa, 2022). Considerando que às condições econômicas são um dos fatores que podem levar ao abandono da prática esportiva (Silva & Reverdito, 2023), ter acesso ao conteúdo esportivo torna-se uma condição básica para a efetivação do direito ao esporte (Korsakas et al., 2021). Entretanto, é a continuidade do envolvimento na prática esportiva que pode influenciar as experiências vivenciadas pelos jovens atletas (Reverdito et al., 2020). Isso pressupõe uma análise do ambiente escolar não apenas como um espaço de acesso, mas como um contexto com potencial para fornecer recursos essenciais ao desenvolvimento dos jovens, um aspecto frequentemente negligenciado nas pesquisas.

A relação entre o esporte e a escola por muito tempo foi tratada apenas como um 'ponto de apoio' para o desenvolvimento de ações e programas federais, estaduais ou municipais que utilizam o esporte como ferramenta educativa, como ocorreu no Brasil com os programas Segundo Tempo, Mais Educação e Atleta na Escola. No entanto, há pouca investigação sobre como incorporar um projeto de desenvolvimento esportivo que se ajuste às características da escola e ao impacto no desenvolvimento dos jovens (Bendrath, Ferreira & Basei, 2020; Silva-Junior, 2022). A ausência de conexão entre os objetivos considerados 'sérios' da escola e as atividades esportivas resulta na percepção do esporte como uma prática de pouca relevância, um equívoco perpetuado pela falta de legitimação do esporte extracurricular. Montagner (2018) ressalta que um dos principais problemas na pesquisa sobre o esporte escolar é a escassez de evidências que demonstrem o impacto da participação esportiva, além das visões ideológicas distorcidas da realidade.

A pesquisa relacionada ao efeito da participação no esporte tem contribuído para sustentar e aprimorar as políticas públicas de esporte em diferentes contextos. Luguetti (2014), implementando um modelo pedagógico esportivo para jovens em situação de vulnerabilidade, destaca que resultados positivos, como aprender a ser líder, comprometido, responsável, respeitar e valorizar o outro, surgiram a partir de uma abordagem que conhecia, considerava, valorizava os jovens, e buscava uma prática para co-construção do empoderamento. Analisando o programa esportivo de maior alcance nacional, o Programa Segundo Tempo, Reverdito, Galatti et al., (2017) associou o desenvolvimento de ativos pessoais com um maior tempo de envolvimento na prática esportiva. Por sua vez, Nascimento Júnior et al. (2019), ao investigar jovens atletas participantes dos jogos escolares, confirmou a experiência positiva no esporte como preditora da coesão social e da tarefa, sinalizando para a relação entre a participação no esporte e a capacidade de gerenciamento da dinâmica pessoal e social.

De maneira geral, a participação em atividades esportivas tem sido associada ao desenvolvimento de experiências relacionadas à iniciativa, liderança, responsabilidade, habilidades sociais e capacidade de estabelecer metas (MacDonald et al., 2012; Rigoni, 2014). No entanto, o impacto da participação esportiva no contexto escolar, particularmente no que se refere à qualidade da experiência esportiva dos jovens atletas e ao papel do ambiente escolar nesse processo, ainda carece de uma compreensão mais aprofundada. Assim, o objetivo desta investigação foi verificar a influência dos ativos de desenvolvimento na percepção positiva da experiência esportiva, além de descrever as características dos ambientes de formação de jovens atletas de handebol. A hipótese proposta é que uma percepção positiva do contexto escolar atua como mediadora de uma experiência esportiva positiva.

Método

Estudo quantitativo do tipo descritivo utilizado para compreender as características do processo de desenvolvimento de jovens atletas ao longo do tempo (Sampieri, Collado & Lucio, 2013).

Participantes

Participaram desta investigação 156 jovens atletas engajados na fase estadual dos Jogos Escolares da Juventude – JEJ, entre os anos de 2017 e 2019, na modalidade handebol, apresentando no momento da coleta a idade média de 14,4 anos, sendo 86 do gênero masculino e 70 do feminino, advindos de contextos escolares públicos e privados.

O JEJ é o principal evento nacional voltado para atletas do contexto escolar, realizado anualmente desde 1969 (Arantes; Martins; Sarmiento, 2012), ao longo do seu processo histórico passou por diversas transformações em seu formato e nomenclatura. Atualmente compõe os eventos organizados pelo Comitê Olímpico Brasileiro, reunindo atletas do país inteiro com até 17 anos. A competição é realizada de forma descentralizada nas 27 unidades federativas do Brasil, sendo composta por etapas municipais, regionais, estaduais e nacional. A organização dos atletas obedece a lógica da idade cronológica, sendo divididos em dois grupos. A categoria A reúne atletas com idade de 15 a 17 anos, enquanto a categoria B é composta por atletas mais jovens de 12 a 14 anos.

Nosso estudo ocorreu na fase estadual do Estado de Mato Grosso. Neste estado, os jogos são organizados e acompanhados pela Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer – SECEL/MT, sendo o evento de maior expressividade e abrangência no estado para este público. O estado está localizado na região Centro-Oeste do Brasil, possui grande extensão territorial e é composto por uma população de 3.658.649 habitantes. Devido às suas dimensões e às distâncias entre os municípios, foi dividido em 10 regiões esportivas para organização das fases municipais e regionais do evento. Os atletas desta investigação representaram 8 das 10 regiões.

Procedimento

Após a autorização da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer – SECEL/MT, prosseguimos com a coleta de dados durante a fase estadual do JEJ nos de 2016, 2017 e 2018 e 2019. Para coleta dos dados utilizamos três instrumentos, sendo dois questionários psicométricos validados para população jovem brasileira e um semiestruturado com dados sociodemográficos elaborado pelos autores exclusivamente para este estudo, com intuito de caracterizar a amostra estudada e obter informações acerca do contexto de desenvolvimento. Os instrumentos foram aplicados de forma autogerida em ambiente controlado e adequado sem interferências que pudessem prejudicar os respondentes. O estudo foi submetido e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Instrumento

Questionário semiestruturado

O questionário semiestruturado foi elaborado a partir de informações sobre o contexto, às atividades e suporte recebido ao longo do processo de desenvolvimento dos jovens, reunindo um conjunto de dados relativos à estrutura familiar, à infraestrutura dos municípios, às características das atividades esportivas e culturais realizadas e o apoio recebido.



Questionário sobre o Perfil dos Ativos do Desenvolvimento (Development Assets Profile – DAP)

O segundo instrumento foi o Questionário de Perfil dos Ativos do Desenvolvimento (DAP), desenvolvido e validado para população portuguesa por Santos e Gonçalves (2016). Esse instrumento entende os ativos como bens pessoais e sociais que quando presentes no ambiente atuam como elementos protetores capazes de afastar os atletas de situações de risco e promover o desenvolvimento positivo. Sendo avaliados oito fatores na dimensão pessoal (apoio, autonomia, limites e expectativas, uso construtivo do tempo, compromisso com a aprendizagem, valores positivos, competências sociais e identidade positiva) e cinco na contextual (escola, família, comunidade, pessoal e social). Para este estudo utilizamos os fatores: apoio, compromisso com aprendizagem, identidade positiva e escola.

Questionário da Experiência de Jovens no Esporte (YES-S)

O terceiro instrumento utilizado foi o Questionário da Experiência de Jovens no Esporte (YES-S), validado para o contexto brasileiro por Rigoni (2014), esse instrumento foi constituído para avaliar a percepção dos jovens quanto a sua experiência no esporte, a partir de quatro dimensões, as habilidades pessoais e sociais, as habilidades cognitivas, o estabelecimento de metas e a iniciativa.

Análise de dados

Em uma primeira abordagem e para traçar o perfil dos atletas que participaram dos JEJ, utilizamos uma análise de frequências para as variáveis categóricas (frequência absoluta - FA e relativa - FR) e medidas de localização e dispersão para as variáveis contínuas (média - M e desvio-padrão - DP). Numa segunda abordagem, utilizamos modelos de regressão linear múltipla para identificar que características pessoais e de desenvolvimento do atleta têm uma influência mais significativa na sua percepção positiva de experiência no esporte. A qualidade, i.e., capacidade preditiva dos modelos apresentados foi expressa através da percentagem de variância explicada (R^2 ajustado).

Resultados

O perfil relacionado à estrutura familiar é caracterizado por lares compostos por mãe, pai e irmãos, residindo em média quatro pessoas na mesma casa. A escolaridade dos responsáveis corresponde a pessoas com ensino médio e superior completo, destacando-se as mães que demonstram o grau de escolaridade maior em comparação com os pais. No entanto, é importante considerar o alto percentual de atletas que não souberam indicar o grau acadêmico dos responsáveis, principalmente em relação ao pai. Quanto a experiência esportiva da família, os atletas destacam que o pai e a mãe não foram atletas e nem participaram de competições a nível local, estadual, nacional ou internacional (tabela 01).

Os atletas residem em cidades com uma população média de 64.990 habitantes e IDHM predominantemente alto. Mas, na percepção deles, os municípios apresentam uma infraestrutura restrita naquilo que se refere a diversificação e oferta de espaços adequados para a realização de atividades esportivas e de lazer. Além das quadras e ginásios poliesportivos, os atletas desconhecem a existência de piscinas públicas, quadras de tênis, pista de atletismo, quadras de areia e campos de futebol, entre outros espaços (tabela 01).

Tabela 1. Perfil dos contextos de envolvimento

| | | Dinâmica familiar | | | |
|---------------------|--------------------------|---------------------------------|--------|--------|------|
| | | Variável | FA (n) | M | DP |
| | | Número de pessoas na residencia | 154 | 4,28 | 1,19 |
| | | | FA (n) | FR (%) | |
| Estrutura familiar | Mães e País | 114 | 73,1 | | |
| | Só pai | 03 | 01,9 | | |
| | Só mãe | 27 | 17,3 | | |
| | Outros | 12 | 07,7 | | |
| País foram atletas | Sim | 32 | 20,8 | | |
| | Não | 122 | 79,2 | | |
| Escolaridade da Mãe | Fundamental I Completo | 08 | 05,4 | | |
| | Fundamental II Completo | 09 | 06,1 | | |
| | Ensino Médio Completo | 43 | 29,1 | | |
| | Ensino Superior Completo | 49 | 33,1 | | |
| | Não sei | 39 | 26,4 | | |
| Escolaridade do Pai | Fundamental I Completo | 12 | 07,8 | | |

| | | | | |
|------------------------------|--------------------------|---------------|---------------|-----------------------------|
| | Fundamental II Completo | 11 | 07,2 | |
| | Ensino Médio Completo | 46 | 30,1 | |
| | Ensino Superior Completo | 30 | 19,6 | |
| | Não frequentou a escola | 04 | 02,6 | |
| | Não sei | 50 | 32,7 | |
| Contexto escolar | | | | |
| Rede escolar | Municipal | 16 | 10,3 | |
| | Estadual | 81 | 51,9 | |
| | Federal | 02 | 02,6 | |
| | Privada | 55 | 35,3 | |
| | | | | Ranking de Resultado |
| Região Escolar | Sudeste | 57 | 36,5 | 1º |
| | Centro-Norte | 37 | 23,7 | 2º |
| | Sudoeste | 08 | 05,1 | 3º |
| | Oeste | 18 | 11,5 | 4º |
| | Leste | 07 | 04,5 | 5º |
| | Médio-Norte | 04 | 02,6 | 6º |
| | Sul | 20 | 12,8 | 7º |
| | Norte | 05 | 03,2 | 8º |
| | | FA (n) | M | DP |
| Município | IDHM | 156 | 0,726 | 0,032 |
| | População | 156 | 61.117,98 | 97.313,21 |
| | Renda Per capita | 156 | 52.157,72 | 21.564,51 |
| | | FR (n) | FR (%) | |
| Ginásio Poliesportivo | Sim | 57 | 37,3 | |
| | Não | 96 | 62,7 | |
| Pista de Atletismo | Sim | 01 | 00,7 | |
| | Não | 152 | 99,3 | |
| Quadra poliesportiva coberta | Sim | 49 | 31,4 | |
| | Não | 104 | 68,6 | |
| Quadra de areia | Sim | 30 | 19,6 | |
| | Não | 123 | 80,4 | |
| Campo de futebol | Sim | 125 | 81,3 | |
| | Não | 04 | 18,3 | |
| Piscina | Sim | 04 | 02,6 | |
| | Não | 149 | 97,4 | |
| Quadra de tênis | Sim | 02 | 01,3 | |
| | Não | 151 | 98,7 | |

Nota: M: média; DP: desvio padrão; FR: frequência relativ; FA frequência absoluta.

Quanto ao perfil das atividades, a escassez de espaços públicos com a oferta de diferentes conteúdos de lazer e esportivo, pode ter impactado na quantidade e diversificação de atividades realizadas pelos atletas. Para mais de 80%, o handebol é a única atividade em que eles se envolveram, não tendo participado de projetos artístico-culturais ou vivenciado outras modalidades esportivas. A frequência dos treinos correspondeu a uma média de 447 minutos por semana, realizados no contraturno escolar. O número de jogos disputados em competições oficiais evidenciou as poucas oportunidades competitivas ofertadas aos atletas. Se dividirmos a média de jogos ao longo dos 6 meses percebemos que os jovens participaram de aproximadamente um jogo por mês. Em relação à experiência esportiva, o maior percentual dos atletas destacou ter entre 3 e 4 anos de envolvimento com o handebol, sendo mais de 2 anos com a mesma equipe, sugerindo que há um envolvimento prolongado tanto no esporte e quanto na mesma equipe (tabela 02).

Tabela 2. Perfil das atividades vivenciadas

| Variável | FA (n) | M ± DP |
|--|---------------|---------------|
| Jogos oficiais nos últimos 6 meses | 150 | 5,18 ± 5,28 |
| Total de atividades esportiva semanal (min) | 154 | 447 ± 201 |
| | FA (n) | FR (%) |
| Tempo de experiência | | |
| 1 a 2 anos | 57 | 36,5 |
| 3 a 4 anos | 62 | 39,7 |
| 5 ou mais anos | 37 | 23,7 |
| Tempo que participa de competições com a mesma equipe/escola | | |
| Menos de 6 meses | 03 | 01,9 |
| Entre 6 meses e 1 ano | 20 | 12,9 |
| Entre 1 e 2 anos | 41 | 26,5 |
| Mais de 2 anos | 91 | 58,7 |
| Participa de outros projetos (música, dança, teatro, coral) | | |
| Sim | 17 | 11,0 |
| Não | 137 | 89,0 |
| Treina outra modalidade esportiva | | |



| | | |
|----------------------------------|-----|------|
| Sim | 20 | 12,9 |
| Não | 135 | 87,1 |
| Treinos acontecem em que momento | | |
| Durante as aulas de EF | 02 | 01,3 |
| No contraturno escolar | 148 | 96,1 |
| Ambas as opções | 04 | 02,6 |

Nota: M: média; DP: desvio padrão; FR: frequência relativ; FA frequência absoluta.

No que concerne ao perfil de suporte oferecido aos atletas, percebemos que na esfera governamental (municipal, estadual e federal), eles não são assistidos por nenhum programa de auxílio financeiro destinado ao desenvolvimento de atletas (bolsa atleta), ficando para os familiares a responsabilidade de suprir com essa demanda. Quanto à participação da família, os atletas destacaram que os pais os incentivam a continuar no esporte, assistem aos jogos quando ocorrem na cidade e conversam com o treinador e treinadora para obter informações sobre o desenvolvimento esportivo dos filhos/as. Ou seja, a participação dos familiares no desenvolvimento desses jovens ocorre de forma indireta, através do financiamento e apoio emocional, não acompanhando ativamente às atividades de treino e competições oficiais (tabela 03).

Tabela 3. Perfil do suporte ofertado

| Variáveis | | FA (n) | FR (%) |
|--|-----|--------|--------|
| Recebe bolsa atleta (governo municipal, estadual ou federal) | Sim | 27 | 17,3 |
| | Não | 128 | 82,6 |
| Pais acompanham o desenvolvimento esportivo dos atletas | Sim | 10 | 6,5 |
| | Não | 143 | 93,5 |
| Pais apoiam financeiramente | Sim | 110 | 71,9 |
| | Não | 43 | 28,1 |
| Pais assistem os treinos | Sim | 12 | 07,8 |
| | Não | 141 | 92,2 |
| Pais assistem jogos quando acontecem na cidade | Sim | 81 | 52,9 |
| | Não | 72 | 47,1 |
| Pais incentivam os atletas a viajarem para as competições | Sim | 113 | 73,9 |
| | Não | 40 | 26,1 |
| Pais cobram excessivamente para serem atletas | Sim | 30 | 19,6 |
| | Não | 123 | 80,4 |
| Pais acompanham as atividades esportivas dos atletas | Sim | 74 | 48,4 |
| | Não | 79 | 51,6 |
| Pais procuram saber com o treinador como está o desempenho dos atletas | Sim | 64 | 41,8 |
| | Não | 89 | 58,2 |

Nota: FR: frequência relativ; FA frequência absoluta.

Para testar a hipótese do estudo, recorreremos ao modelo de regressão, para compreender de se ter uma percepção positiva quanto ao apoio da Escola contribui para uma melhor percepção da experiência no esporte. Verificamos que a Escola foi um fator preditor da experiência esportiva positiva em todas as dimensões. Demonstrando efeito forte para habilidades pessoais e sociais e estabelecimento de metas, seguido de um efeito moderado para habilidades cognitivas e iniciativa. Outros fatores como o tempo de treino, sexo, idade, frequência de treino e resultado no último jogo não apresentaram nenhum efeito significativo. Desta forma, a percepção da escola como ambiente de apoio para o desenvolvimento de jovens foi moderadora da experiência positiva no esporte (tabela 04).

Tabela 4. Resultado do modelo de regressão ajustado a cada dimensão da experiência positiva no esporte

| | Experiência dos Jovens no Esporte | | | |
|-----------------------------|-----------------------------------|------------------------|--------------------------|------------|
| | Habilidades pessoais sociais | Habilidades cognitivas | Estabelecimento de Metas | Iniciativa |
| Constante | 2.371*** | 1.752*** | 2.801*** | 3.197*** |
| Sexo | | | | |
| Idade | | | | |
| Tempo Treino | | | | |
| Atividade esportiva semanal | | | | |
| Classificação na competição | | | | |
| Rede escolar | | | | |
| DAP: Escola | 0.310*** | 0.196* | 0.239*** | 0.161* |
| DAP: Identidade positiva | | 0.238* | | |
| R ² ajustado | 20.6% | 16.1% | 10.3% | 3.9% |
| Modelo | <0.001 | <0.001 | <0.001 | 0.020 |

Nota: ***diferenças significativas, p<.001; * diferenças significativas, p<.05.

Discussão

Este estudo pretendeu verificar se a percepção de apoio em relação ao contexto escolar prediz a experiência esportiva positiva, e descrever o perfil do contexto de desenvolvimento de jovens atletas de handebol, atentando-se especificamente para as características dos ambientes de envolvimento, o suporte ofertado e as atividades realizadas. Três descobertas principais nortearam essa discussão. i) Há um efeito preditor entre a percepção positiva relacionada ao apoio proveniente do contexto escolar e a experiência positiva no esporte. ii) A experiência esportiva e competitiva dos jovens atletas é limitada, sendo o handebol a única modalidade que praticaram. Os contextos e a infraestrutura disponíveis nos municípios são restritos, sendo o contexto escolar o principal espaço para acesso e exploração do conteúdo esportivo. iii) Os atletas não recebem incentivo financeiro dos órgãos públicos, o que torna a família a principal responsável pelo apoio financeiro e emocional.

O efeito da experiência esportiva positiva é explicado através das quatro dimensões do YES-S, mediada pela variável Escola (ativos do desenvolvimento), sendo a variância mais forte representada pelas dimensões habilidades pessoais e sociais e o estabelecimento de metas, seguido de um efeito moderado nas dimensões habilidades cognitivas e iniciativa. Isso indica que o contexto escolar é percebido pelos jovens atletas como um ambiente que apoia seu desenvolvimento, e com potencial para promover experiências esportivas positivas, confirmando o contexto como uma fonte positiva para o desenvolvimento de ativos pessoais e sociais (Côté, Turnnidge & Vierimaa, 2016; Folle et al., 2017).

É aceito que estar envolvido em um ambiente seguro, que fortaleça a autonomia, e encoraje os jovens a ampliarem suas habilidades acadêmicas, sociais e pessoais, pode ser o diferencial para o tipo de experiência de desenvolvimento experimentada por eles (Zarret et al., 2009). Compartilhar de um ambiente que promova experiência positivas pode ajudar no desenvolvimento do efeito de competência dos jovens, fortalecendo seu ativos pessoais e tornando-os mais seguros e conscientes para agir nos diferentes contextos de convívio (Bronfenbrenner, 2011; Rigoni, 2014). Programas esportivos realizados no contexto extracurricular são reconhecidos como facilitadores desse processo (Lerner et al., 2005; Suarez-Ortega; Moreno-Carmona, 2022), corroborando com os achados deste estudo, em que a percepção positiva do ambiente escolar foi associada a experiências esportivas positivas.

No Brasil, o lugar do esporte extracurricular na escola ainda não é uma política concreta. A indefinição quanto à competência dos órgãos reguladores estaduais e municipais (secretaria de educação e esporte) para a disponibilização de recursos materiais e financeiros, além do reconhecimento, remuneração e organização da carga horária do professor de educação física como treinador esportivo são indicadores que tornam instável a continuidade dos projetos dentro deste contexto (Reverdito et al., 2024). Entretanto, mesmo com a instabilidade é inegável que o esporte permeia e se mantém neste ambiente. Estudos que investigaram o percurso de atletas no esporte, destacam a escola como espaço responsável por oportunizar o primeiro contato sistematizado para treinar e competir na modalidade (Lima et al., 2022; Costa, 2022). Arantes, Rúbio e Melo (2020), através de análise documental, constataram que 43,4% dos atletas brasileiros que participaram dos jogos olímpicos, no período de 1969 - 2014, estiveram envolvidos nos jogos escolares durante sua carreira. Mesmo que não esteja entre os objetivos da escola, é inegável a importância da existência de projetos esportivos para garantia do acesso a este conteúdo, principalmente quando tratamos da participação de meninas e mulheres no esporte, regiões com pouca atuação de clubes socioesportivo e zonas de vulnerabilidade social (Morales Júnior et al., 2017; Lima et al., 2022; Costa, 2022). No entanto, estudos apontam que não basta apenas ter acesso à prática esportiva (Tavares et al., 2021), é necessário garantir a continuidade e qualidade da atividade ofertada, sendo a informalidade desses projetos um fator limitante.

Silva-Junior (2022), analisando escolas com maior índice de participações na fase estadual dos jogos escolares do estado de Mato Grosso, constatou que os projetos esportivos eram informais, ou seja, não estava incluído no Projeto Político Pedagógico das unidades escolares, ficando a escolha e desenvolvimento da modalidade condicionado à decisão do professor de educação física. Já Bendrath, Ferreira e Basei (2020) destacam a informalidade, que abarca a gestão de projetos esportivos nas escolas, diminui a possibilidade de avaliar, monitorar e estabelecer padrões efetivos de qualidade. Entretanto, apesar deste cenário, nosso estudo destaca que, na visão do sujeito que está engajado na atividade, esse não é um fator inibidor da escola como um espaço significativo e capaz de produzir experiências esportivas positivas. No entanto, é preciso ponderar essa afirmação, visto que a falta de



organização e sistematização das atividades esportivas pode limitar a ampliação, continuidade e o efeito da prática.

Considerando os efeitos de desenvolvimento a partir da participação esportiva, diferentes estudos nacionais e internacionais (Strachan, Côté & Deakin, 2009; Santos & Gonçalves, 2016; Reverdito, Carvalho et al., 2017), utilizaram os ativos de desenvolvimento para compreender o suporte de desenvolvimento percebido por jovens atletas, apresentando em seus resultados correlações significativas com as dimensões identidade positiva, apoio, compromisso com a aprendizagem. O que difere do nosso estudo, em que a percepção do ativo Escola foi o único capaz de prever a experiência positiva no esporte. Strachan, Côté e Deakin (2009), investigando jovens de 12 a 16 anos com experiência de no mínimo 3 anos no esporte, sugere que as dimensões identidade positiva e apoio atuaram em uma possível redução do burnout. Por sua vez, Reverdito, Carvalho et al. (2017) concluiu que o tempo de envolvimento, rede de apoio e dimensões socioestruturais foram fundamentais para que os jovens acessem e se mantenham engajados. Já para Santos e Gonçalves (2016) atletas inexperientes têm uma melhor percepção de apoio da escola comparado aos experientes. Mas nos modelos de regressão a dimensão escola não apresentou nenhuma correlação significativa. Esses achados ajudam a explicar o apoio percebido pelos jovens, mas em nenhum deles é possível analisar uma relação significativa entre a experiência e a escola. O distanciamento entre os sujeitos estudados e o contexto escolar pode ser uma possível explicação, haja visto que se trata de estudos com jovens advindos de ambientes como clubes e projetos sociais sem vínculo direto com a escola.

No que concerne aos estudos brasileiros que buscaram compreender a natureza da experiência esportiva positiva, os achados têm sido associados a diferentes variáveis de ordem psicológicas e contextuais. Rigoni (2014), investigando jovens atletas de nível internacional, conclui que a experiência positiva no esporte está relacionada com as dimensões psicológicas de motivação e propósito de vida. Já Milistetd et al. (2021), em estudo com jovens em contexto clubístico, sinaliza o efeito moderado da experiência na percepção de bem-estar mental. Nascimento Junior et al. (2019), investigando jovens participantes de jogos escolares, aponta para a experiência positiva como preditora da coesão na tarefa. Por fim, no estudo de Reverdito, Carvalho et al. (2017), em contexto de projetos socioesportivos, a experiência esportiva foi correlacionada a autoeficácia, IDHM e ao tempo de engajamento dos jovens em projetos sociais, sendo aqueles provenientes de cidades mais estruturadas os que obtinham melhor percepção de experiência e autoeficácia. De forma geral, a experiência no contexto esportivo tem sido representada pelas dimensões habilidades pessoais e sociais, estabelecimento de metas e iniciativa (Bruner et al., 2014; O'Connor et al., 2020).

Isso pode ser explicado pela natureza da tarefa, que expõe os jovens a situações em que eles precisam conseguir gerir a dinâmica social, interagindo com seus pares, treinadores e amigos, ao mesmo tempo que regula suas emoções e sentimentos (Reverdito et al., 2020), tentando manter a atenção, o foco e esforço em uma atividade visando alcançar uma meta a longo prazo (Hansen, Larson & Dworkin, 2003; MacDonald et al., 2012). O que confirma parcialmente nossos achados naquilo que concerne às habilidades pessoais e sociais, iniciativa e estabelecimento de metas. Mas apresenta poucas explicações quanto a influência da dimensão habilidades cognitivas.

As habilidades cognitivas são defendidas como a dimensão que representa a menor variância nos estudos esportivos (MacDonald et al., 2012; Rigoni, 2014; Reverdito, Galatti et al., 2017), sendo justificado que pela natureza da tarefa, voltada para o ato de jogar, por vezes essa dimensão configura os aspectos que ajudam a responder os problemas impostos durante a atividade esportiva, sendo difícil para o jovem associar a atividade que realizam com domínios de ordem acadêmica. Divergindo dos nossos resultados, em que o efeito moderado das habilidades cognitivas foi evidenciado. Isso pode ser justificado devido a aproximação entre a atividade esportiva e o contexto escolar. O fato de o projeto esportivo ocorrer na escola pode facilitar a associação dessas habilidades, tornando a transferência dessas competências acadêmicas elementos praticáveis no seu cotidiano.

A relevância do contexto escolar se confirma mais uma vez ao analisar as vivências e oportunidades competitivas dos jovens atletas, chegando à segunda descoberta deste estudo, (ii) A experiência esportiva e competitiva dos jovens atletas é limitada, sendo o handebol a única modalidade que praticaram. Ofertar um processo formativo com múltiplas oportunidades de vivência esportiva, pode ser compreendido como um meio para proporcionar o desenvolvimento sustentável e garantir a continuidade da participação no esporte (Baker, Côté & Abernethy, 2003; Côté, Baker & Abernethy,



2007; Collet et al., 2017). Principalmente nas fases iniciais, experimentar formas de jogos diversificados (na mesma ou em diferentes modalidades) pode promover o prazer pela prática bem como contribuir para o desenvolvimento de habilidades específicas. Sendo a disponibilidade de instalações e recursos humanos um pré-requisito para que seja ofertada essa diversificação. No entanto, os achados do nosso estudo não confirmam essa premissa. Segundo os atletas, a única modalidade esportiva vivenciada foi o handebol na escola, não sendo disponibilizado pelo município outros projetos ou espaços com a prática esportiva sistematizada. Estudos com atletas de elite no Squash (Motta et al., 2021) e de excelência no handebol (Lima et al., 2022) sinalizam que os/as atletas vivenciaram atividades esportivas diversificadas nas fases iniciais, mas isso não foi um processo sistematizado e intencional por parte de clubes, prefeituras e treinadores, demonstrando que, por vezes, essa iniciativa ainda não entrou para a agenda das organizações esportivas. Portanto, a escassez de ambientes e projetos esportivos na comunidade, condicionam ao ambiente escolar (mesmo que informalmente) a responsabilidade pela iniciação no esporte. Apesar do esporte escolar em contexto extracurricular ser apontado como conteúdo que usurpa o espaço das aulas de Educação Física escolar, no nosso estudo essa premissa não se confirma, visto que os atletas destacam que os treinos acontecem em momento contrário às aulas.

Por fim, entre os fatores de sucesso associados com a efetividade de um sistema esportivo, comprometido com o fortalecimento de ativos pessoais e profissionais, está o investimento e financiamento das iniciativas para formação de jovens atletas (Böhme & Cunha Bastos, 2016; De Bosscher & De Rycke, 2017). No entanto, percebemos que em nosso estudo (iii) os atletas não recebem incentivo financeiro dos órgãos públicos, sendo a família responsável pelo apoio financeiro e emocional. Essa constatação não é fato isolado na política esportiva nacional. Investigando o principal programa de bolsas para os atletas do Brasil, Camargo e Mezzadri (2017) e Corrêa et al. (2014), identificaram que a maior parcela do investimento era destinada ao esporte de alto rendimento, sendo investido na base aproximadamente 5% dos recursos financeiros. E, ainda assim, esse percentual estava destinado a atletas tidos como potenciais talentos esportivos. Essa dificuldade de destinação de recursos para o esporte de base, corrobora com os achados do nosso estudo, uma vez que os atletas destacam não receber bolsas de nenhuma entidade pública ou privada, o que pode sugerir que talvez as iniciativas nas prefeituras estejam direcionadas para o desempenho e não para formação (Mezzadri et al., 2006).

No entanto, quando esse financiamento se associa apenas à busca por conquistas esportivas, o rendimento (em diferentes níveis) acaba sendo privilegiado e a formação fica em segundo plano. Nessa direção, o suporte financeiro foi ofertado predominantemente pela família, sendo uma prática recorrente para esta etapa de desenvolvimento e verificada em outros estudos (Pummell, Hardwood & Lavalley, 2008; Ferreira et al., 2012; Motta et al., 2021; Lima et al., 2022). Investigações destacam a importância da participação da família para a motivação, superação de crises e permanência no contexto esportivo (Pummell, Hardwood & Lavalley, 2008; Ferreira et al., 2012; Fraser-Thomas, Côté & Deakin et al., 2008), sendo o mais indicado o comportamento moderado, representado por uma postura que não exerce pressão por resultados e que acompanha a vida esportiva dos atletas de forma ativa (Folle et al., 2018). No entanto, de acordo com nossos achados, percebemos que a postura assumida pelos familiares denota um distanciamento das atividades que os atletas realizam no esporte.

Alguns estudos brasileiros, têm destacado que o envolvimento da família no desenvolvimento esportivo dos filhos não se apresenta como um fator de influência direta, sendo marcada pela ausência e falta de acompanhamento da vida esportiva dos atletas (Moraes, Rabelo & Salmela, 2004; Reis, Ferreira & Moraes, 2016), ficando sua atuação e influência limitada ao auxílio financeiro e emocional. Isso pode ocorrer devido à dificuldade dos pais em conciliar a rotina profissional e as atividades familiares, como também ao fato dos pais terem pouca experiência e conhecimento acerca do esporte, limitando suas perspectivas quanto ao futuro do/a filho/a dentro do contexto esportivo (Folle et al., 2018). Portanto, percebe-se que a criação de iniciativas que busquem reverter esse cenário e aproximar a família do contexto esportivo é uma demanda para o contexto investigado.

Conclusão

A finalidade deste estudo foi verificar a percepção dos jovens quanto ao apoio da escola e a relação com a experiência positiva no esporte, bem como descrever o perfil do contexto de desenvolvimento.



Revelou-se que os jovens atletas percebem que a escola é um ambiente que apoia seu desenvolvimento e isso foi associado a experiência positiva no esporte. Além disso, verificou-se que os jovens atletas não estiveram envolvidos em outras atividades para além do handebol, e o suporte financeiro e emocional foi ofertado predominantemente pela família.

Apesar dos desafios apresentados em relação aos contextos de convívio e suporte disponibilizado, a participação nos programas esportivos realizados no contexto escolar na percepção dos jovens atletas, são capazes de influenciar positivamente a experiência vivenciada. Nessa direção, percebemos que há pouca oportunidade de participação em outras competições e/ou modalidades esportivas, bem como a falta de investimento no esporte escolar podem ser fatores de limitação para ampliação e continuidade dos projetos esportivos. Mas não possuem força para inibir resultados positivos de desenvolvimento. Visto que, além de ser o principal espaço que disponibiliza o acesso ao conteúdo esportivo, a escola também é compreendida como um ambiente significativo para o desenvolvimento de ativos pessoais. É necessário avançar nas discussões em relação à legitimação do esporte no contexto extracurricular, visando o fortalecimento e ampliação das atividades ofertadas.

Financiamento

Este estudo foi apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT.0590374/2016)

Referências

- Arantes, A., Martins, F., & Sarmiento, P. (2012). Jogos escolares brasileiros: histórico histórico. *Motricidade*, 8 (2), 916-924. <https://www.redalyc.org/pdf/2730/273023568116.pdf>
- Arantes, A. A. C., Rúbio, K., & de Melo, G. F. (2020). Dos jogos escolares brasileiros às olimpíadas: a trajetória escolar de atletas olímpicos brasileiros. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 28(1), 51-59. <https://doi.org/10.31501/rbcm.v28i1.10078>
- Baker, J., Côté, J., & Abernethy, B. (2003). Sport-specific practice and the development of expert decision-making in team ball sports. *Journal of applied sport psychology*, 15(1), 12-25. <https://doi.org/10.1080/10413200305400>
- Bendrath, E. A., Ferreira, T. F., & Basei, A. P. (2020). The Management of the Sport in School Projects: Implementation, Monitoring and Evaluation. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva-RIGD (Intercontinental Journal of Sport Management)*, 10(2), 1-15. <https://app.periodikos.com.br/journal/rigd/article/5f2c63420e8825e24fbd1626>
- Böhme, M. T. S., & da Cunha Bastos, F. (2016). Esporte de alto rendimento: Fatores críticos de sucesso-gestão-identificação de talentos. Phorte Editora LTDA.
- Bronfenbrenner, U. (2011). Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos. Artmed Editora.
- Bruner, M. W., Eys, M. A., Wilson, K. S., & Côté, J. (2014). Group cohesion and positive youth development in team sport athletes. *Sport, Exercise, and Performance Psychology*, 3(4), 219. <https://doi.org/10.1037/spy0000017>
- Camargo, P. R., & Mezzadri, F. M. (2017). Políticas públicas para o esporte: o programa bolsa-atleta e sua abrangência na base do handebol no Brasil. *Pensar a prática*, 20(1). <https://doi.org/10.5216/rpp.v20i1.39927>
- Collet, C., Vieira do Nascimento, J., Folle, A., & Ibáñez, S. J. (2017). Atividades de prática deliberada e jogo deliberado na formação esportiva de atletas de elite do voleibol: diferenças entre os sexos. *E-balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte*, 13(2), 95-104. <https://doi.org/10.5232/ricyde2018.05403>
- Corrêa, A. J., Moraes, M. S., Mezzadri, F. M., & Cavichioli, F. R. (2014). Financiamento do esporte olímpico de verão brasileiro: mapeamento inicial do programa “Bolsa-Atleta” (2005-2011). *Pensar a prática*, 17(4). <https://doi.org/10.5216/rpp.v17i4.29057>
- Costa, J. E. (2022). Mulheres praticantes de futebol/futsal no estado de Mato Grosso: oportunidades e desafios. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil).

- Côté, J., Baker, J., & Abernethy, B. (2007). Practice and play in the development of sport expertise. In Tenenbaum, G., Eklund, R. C. (Eds.), *Handbook of sport psychology* (pp. 184-202). <https://doi.org/10.1002/9781118270011.ch8>.
- Côté, J., Turnnidge, J., & Vierimaa, M. (2016). A personal assets approach to youth sport. In Green, K. & Smith, A. (Eds.), *Routledge handbook of youth sport* (pp. 243-255). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203795002>.
- De Bosscher, V., & De Rycke, J. (2017). Talent development programmes: a retrospective analysis of the age and support services for talented athletes in 15 nations. *European Sport Management Quarterly*, 17(5), 590-609. <https://doi.org/10.1080/16184742.2017.1324503>
- Ferreira, R. M., Penna, E. M., Costa, V. T. D., & Moraes, L. C. C. D. A. (2012). Nadadores medalhistas olímpicos: contexto do desenvolvimento brasileiro. *Motriz: Revista de Educação Física*, 18(1), 130-142. <https://doi.org/10.1590/s1980-65742012000100014>
- Folle, A., do Nascimento, J. V., das Neves Salles, W., Porto Maciel, L. F., & José Dallegrove, E. (2018). Envolvimento dos familiares no processo de formação esportiva no basquetebol feminino. *Journal of Physical Education*, 29, e2914. <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000200477>
- Folle, A., do Nascimento, J. V., Guimarães, J. R. S., do Nascimento, R. K., Marinho, A., & Farias, G. O. (2017). Elementos do microsistema esportivo: Estudo em contexto de desenvolvimento de atletas de basquetebol. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 25(3), 106-124. <https://doi.org/10.31501/rbcm.v25i3.8020>
- Fraser-Thomas, J., Côté, J., & Deakin, J. (2008). Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. *Psychology of sport and exercise*, 9(5), 645-662. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2007.08.003>
- Hansen, D. M., & Larson, R. (2005). The youth experience survey 2.0: Instrument revisions and validity testing. Urbana-Champaign, IL: University of Illinois, 1-19. <http://youthdev.illinois.edu/wp-content/uploads/2013/11/YES-2.0-Instrument.pdf>
- Hansen, D. M., Larson, R. W., & Dworkin, J. B. (2003). What adolescents learn in organized youth activities: A survey of self-reported developmental experiences. *Journal of research on adolescence*, 13(1), 25-55. <https://doi.org/10.1111/1532-7795.1301006>
- Korsakas, P., Rizzi, E. G., Tsukamoto, M. H. C., & Galatti, L. R. (2021). Entre meio e fim: um caminho para o direito ao esporte. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 24(1), 664-694. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.29534>
- Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J. B., Theokas, C., Phelps, E., Gestsdottir, S., Naudeau, S., Jelicic, H., Alberts, A., Ma, L., Smith, L. M., Bobek, D. B., Richman-Rafael, D., Simpson, I., Christiansen, E. D., & von Eye, A. (2005). Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth-grade adolescents: Findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. *The journal of early adolescence*, 25(1), 17-71. <https://doi.org/10.1177/0272431604272461>
- Lima, L. A., Reverdito, R. S., Folle, A., de Subijana, C. L., & Galatti, L. R. (2022). Excelência no Handebol: o processo de desenvolvimento esportivo de atletas brasileiras campeãs do mundo. *Quaderns de Psicologia*, 24(1), e1798-e1798. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1798>
- Luguetti, C. N. (2014). Movendo-se do que é para o que poderia ser: desenvolvendo um protótipo de modelo pedagógico do esporte para meninos residentes em áreas de vulnerabilidade social no Brasil. (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil).
- MacDonald, D. J., Côté, J., Eys, M., & Deakin, J. (2012). Psychometric properties of the youth experience survey with young athletes. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(3), 332-340. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2011.09.001>
- Mezzadri, F. M., Starepravo, F. A., Basso, D., Guimarães, L., & Reis, R. P. (2006). Políticas públicas para o esporte e lazer nas cidades do estado do Paraná. In Mezzadri, F. M.; Cavichioli, F. R.; Souza, D. L. (Eds.), *Esporte e Lazer: subsídios para o desenvolvimento e gestão de políticas públicas* (pp.43-60). Fontoura. <http://www.redecedes.ufpr.br/livro/parte4.pdf>
- Milistedt, M., Camiré, M., Ciampolini, V., Quinaud, R. T., & Nascimento, J. V. D. (2021). Psychosocial development and mental health in youth Brazilian club athletes: examining the effects of age, sport type, and training experience. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 23, e78769. <https://doi.org/10.1590/1980-0037.2021v23e78769>
- Montagner, P. C. (2018). Estudos em Pedagogia do Esporte: posicionamentos em defesa do esporte de crianças e jovens. In Bento, J. O.; Moreira, W. W.; Loureiro, A. C., Bento, H. C. B., Botelho, R. G.,

- Marinho, T. C. da S. T. (Eds.), Cuidar da casa comum: da natureza, da vida, da humanidade. Oportunidades e Responsabilidades do desporto e da Educação Física (pp. 117-142).
- Moraes, L. C., Rabelo, A. S., & Salmela, J. H. (2004). Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. *Psicologia: reflexão e crítica*, 17(2), 211-222. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722004000200009>
- Morales Júnior, V. R., Alves, I. V. G., Galatti, L. R., & Marques, R. F. R. (2017). The relative age effect on Brazilian elite futsal: Men and women scenarios. *Motriz: Revista de Educação Física*, 23(3), e101704. <https://doi.org/10.1590/s1980-6574201700030016>
- Motta, M. D. C., de Lima, L. A., Ginciene, G., Hernandez, C. L. de S., & Galatti, L. R. (2021). Análise da carreira esportiva de atletas brasileiros de squash com nível internacional. *Journal of physical education*, 32, e3242, 1-12. <https://doi.org/10.19146/pibic-2016-51977>
- Nascimento Junior, J. R. A., da Silva, A. A., Granja, C. T. L., de Oliveira, D. V., Batista, R. P. R., & de Sousa Fortes, L. (2019). Do sporting experiences predict team cohesion in youth athletes?. *Cuadernos de psicología del deporte*, 19(3), 102-112. <https://doi.org/10.6018/cpd.365201>
- O'Connor, D., Gardner, L. A., Larkin, P., Pope, A., & Williams, A. M. (2019). Positive youth development and gender differences in high performance sport. *Journal of Sports Sciences*, 38(11-12), 1399-1407. <https://doi.org/10.1080/02640414.2019.1698001>
- Oliveira, E. A., de Lima, L. A., Collet, C., & Reverdito, R. S. (2024). Currículo de formação para jovens praticantes do futebol: contribuições de especialistas da área Training curriculum for young football players: contributions from experts in the field Currículo de formación para jóvenes futbolistas: aportes de especialistas en la materia. *Retos*, 52, 657-665. <https://doi.org/10.47197/retos.v52.101480>
- Pummell, B., Harwood, C., & Lavalley, D. (2008). Jumping to the next level: A qualitative examination of within-career transition in adolescent event riders. *Psychology of sport and exercise*, 9(4), 427-447. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2007.07.004>
- Reis, C. P., Ferreira, M. C. C., & Moraes, L. C. C. D. A. (2016). The parents support the career development of male basketball athletes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 38(2), 149-155. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.10.007>
- Reverdito, R. S., Carvalho, H. M., Galatti, L. R., Scaglia, A. J., Gonçalves, C. E., & Paes, R. R. (2017). Effects of youth participation in extra-curricular sport programs on perceived self-efficacy: a multilevel analysis. *Perceptual and Motor Skills*, 124(3), 569-583. <https://doi.org/10.1177/0031512517697069>
- Reverdito, R. S., Galatti, L. R., Carvalho, H. M., Scaglia, A. J., Cote, J., Gonçalves, C. E., & Paes, R. R. (2017). Developmental benefits of extracurricular sports participation among Brazilian youth. *Perceptual and motor skills*, 124(5), 946-960. <https://doi.org/10.1177/0031512517724657>
- Reverdito, R. S., Galatti, L. R., Scaglia, A. J., & Paes, R. R. (2020). Youth participation in sport in a context of vulnerability: perception of positive and negative experiences. *E-balonmano: Revista de Ciencias del Deporte*, 16(1), 55-66. <https://dehesa.unex.es/handle/10662/11162>
- Reverdito, R. S., Galatti, L., de Lima, L. A., Galassi, C. A., Cristini, J., de Almeida Tavares, M., & Moreira, E. C. (2024). Treinadores e Treinadoras no Contexto Escolar: entre o reconhecimento do esporte, voluntarismo e desvalorização profissional. *E-balonmano: Revista de Ciencias del Deporte*, 20(3), 297-306. <https://doi.org/10.17398/1885-7019.20.297>
- Rigoni, P. A. G. (2014). A contribuição da experiência esportiva positiva, mediada pela motivação, no propósito de vida de jovens atletas brasileiros. (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil).
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2013). Metodologia de Pesquisa. Penso Editora Ltda.
- Santos, A. J. B. D., & Gonçalves, C. E. B. (2016). Efeito da experiência desportiva e do grupo etário na satisfação e nos ativos de desenvolvimento de jovens futebolistas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 38(2), 139-148. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.10.013>
- Silva, J. V. P., & Reverdito, R. S. (2023). Higher education and influencing factors to permanence and evasion in the Segundo Tempo Universitário Program. *Retos*, 49, 105-114. <https://doi.org/10.47197/retos.v49.98218>
- Silva-Junior, E. R. (2022). O esporte no contexto escolar: organização e prática extracurricular. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil).

- Strachan, L., Côté, J., & Deakin, J. (2009). An evaluation of personal and contextual factors in competitive youth sport. *Journal of applied sport psychology*, 21(3), 340-355. <https://doi.org/10.1080/10413200903018667>
- Suárez Ortega, C. M., & Moreno Carmona, N. D. (2022). Incidence of extracurricular sports activities in school processes and in socio-family and psychological aspects of children and adolescents. *Retos*, 46, 987-995. <https://doi.org/10.47197/retos.v46.90471>
- Tavares, M. A., Fonseca, S., Lopes, A., Galatti, L. R., & Reverdito, R. S. (2021). Relação treinador-atleta e a experiência positiva de jovens no esporte extracurricular. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 21(1), 146-161. <https://doi.org/10.6018/cpd.428691>
- Zarrett, N., Fay, K., Li, Y., Carrano, J., Phelps, E., & Lerner, R. M. (2009). More than child's play: variable- and pattern-centered approaches for examining effects of sports participation on youth development. *Developmental psychology*, 45(2), 368-382. <https://doi.org/10.1037/a0014577>

Datos dos/as autores/as e tradutor/a:

| | | |
|----------------------------------|------------------------------|----------|
| Leilane Alves de Lima | leilane.alima@gmail.com | Autora |
| Riller Silva Reverdito | rsreverdito@unemat.br | Autor |
| Stefany Caroliny Souza | stefany.caroliny@unemat.br | Autora |
| Sofia Cristina Carreiras Fonseca | sofiaccfonseca@gmail.com | Autora |
| Paulo Cesar Montagner | cesar.montagner@unicamp.br | Autor |
| Sikiru Olaitan Balogun | balogun.zhikrullah@gmail.com | Tradutor |